

ESTE PEDAÇO DE TERRA CHAMA-SE MOÇAMBIQUE

— Marechal Samora Machel na abertura da reunião com os Antigos Combatentes na Beira

N. 10/6/82

Notícias
10 de Junho
de 1982,
p.1 lead

por António Souto (texto) e Carlos Calado (foto) em Sotola

«Este pedaço de terra chama-se Moçambique» — disse ontem na Beira o Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel, na sessão de abertura do encontro com antigos combatentes da luta de libertação nacional. Na ocasião o Chefe do Estado deu a conhecer que, em breve, será criada uma Secretaria de Estado para tratar de assuntos desses antigos combatentes e anunciou outras medidas relacionadas com o papel hoje na RPM de todos os que através da luta armada foram os construtores da Pátria moçambicana. Sublinhou que estas medidas têm também por objectivo inspirar as gerações dos combatentes de hoje e de amanhã na História dos Heróis da Libertação.

O Presidente Samora Machel pronunciou um longo improviso, definindo as características dos homens que participaram na libertação da Pátria, analisando as fases da luta de classes durante a libertação nacional, o período de transição e a conquista da Independência, bem como as qualidades e responsabilidades dos Heróis da Libertação.

Destes pontos merecia particular destaque a análise da luta de classes durante a luta de libertação nacional, pelo facto de ser a primeira vez que a Direcção do Partido faz publicamente uma detalhada e sistemática interpretação deste período da nossa História, nesta perspectiva.

— A nossa reunião não tem agenda. Todos somos parte da mesma História, a agenda somos todos nós — começou por afirmar Samora Machel.

O Presidente do Partido Frelimo definiu a reunião, que agora decorre, como um encontro com os lazedores da paz na Pátria moçambicana; com os que com as armas destruíram o racismo, regionalismo, o tribalismo; com aqueles que desinteressadamente realizaram a vontade do nosso povo.

Recordou que todo o sacrifício consentido tinha um objectivo único: conquistar a Independência e a liberdade, conquistar o poder político para, com esse poder, travar uma nova batalha contra o subdesenvolvimento, criar uma nova sociedade de justiça, liberdade e igualdade.

UNIDADE NACIONAL

O Presidente Samora Machel esboçou a dialéctica da luta de libertação nacional em cinco fases. Sublinhou que a compreensão da dialéctica do processo de libertação do nosso povo exige um conhecimento detalhado dos factos, a sua análise e interpretação.

— Significa também conhecermos as diversas fases, os diversos períodos. Só assim podemos compreender a essência do combate, a razão da vitória! — disse, acrescentando:

— A primeira fase da nossa luta concentrou os seus esforços na edificação da unidade nacional, na união do Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo.

Adiantou que, nessa fase, a tarefa principal era a conquista do valioso instrumento da unidade.

— Implicava a liquidação do tribalismo, do regionalismo, do racismo — factores que eram utilizados pelo nosso inimigo contra nós — afirmou.

A segunda fase do combate libertador foi caracterizada pela difusão dos ideais da liberdade e independência. Fomos levando o povo a sacrificar-se para que o Sol na Pátria moçambicana nascesse forte, disse.

— Desencadeámos a guerra, criámos novas zonas semiliberadas, abrimos novas frentes. Novas batalhas surgiram no seio da própria frente —

afirmou o Chefe do Estado, que explicou que para alguns esse combate, esse fenómeno passou despercebido, não foi assumido e nem apreendido.

— A terceira fase surge com a realização do 2.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique no Niassa — sublinhando que, nesta fase, a Frente começou a possuir certas características de Partido. Isso colocou novas exigências ao nível dos quadros, da organização, da natureza da justiça que nascia nas zonas libertadas.

Esta fase aprofunda a luta de ideais pelo que se põe a questão: que tipo de Independência teremos em Moçambique, que tipo de luta vamos a travar.

Na presença de 44 combatentes ali presentes e que participaram no 2.º Congresso recordou a luta que se travou entre as duas alas surgidas no seio da Frente.

— A quarta fase é marcada pela operação «Nó Gordão». Esta fase impôs novos métodos a discutir na reunião do Comité Central em Dezembro de 1972. Desencadeou-se a Ofensiva Generalizada em Todas as Frentes, que colocou as FPLM numa altitude de ataque permanente.

Esta fase já exige, na qualidade intelectual, uma cuidadosa preparação

ideológica dos quadros. Uma vez mais esse salto qualitativo não foi assumido por alguns.

«O ano de 1973 foi de profundas transformações». O Presidente Samora Machel sublinhou a necessidade de se aprofundar o estudo deste período. Recordou que houve um desequilíbrio entre o crescimento da luta armada e o nível de consciência.

A quinta fase caracterizou-se pelo reconhecimento por parte do inimigo de que a Independência era inevitável. Por isso, era preciso destruir a FRELIMO por dentro, desviando-a dos seus ideais.

Referiu-se a lutas decisivas que levaram ao desmantelamento de redes do inimigo, especialmente em Cabo Delgado e Tete, algumas das quais envolvendo numerosos sectores das FPLM e quadros de alta responsabilidade.

UMA NOVA ETAPA

O Chefe do Estado recordou, ainda, a manifestação de colonos na Beira, em Janeiro de 1974, e o pedido dos oficiais do Exército colonial feito a Marcelo Caetano para uma solução política do conflito.

— Como Caetano era atrasado men-

tal recusou, pois negociar com terroristas seria um sacrilégio», disse.

O Chefe do Estado passou seguidamente ao período de transição, destacando a prontidão com que o Comité Executivo da FRELIMO, um dia depois do golpe em Portugal, emitiu um comunicado, analisando a situação.

— Negociaremos os mecanismos de transferência de poderes para a FRELIMO, mas nunca a Independência — disse Samora Machel, referindo-se ao documento do Comité Executivo, divulgado a 26 de Abril de 1974.

— Vem o Governo de Transição e aqui começa uma nova batalha, montada pela burguesia colonial, pelos serviços secretos imperialistas, pelos antigos desertores que se tinham entregado ao colonialismo, pelos aspirantes a burgueses — disse.

Descreveu detalhadamente os problemas que, então, se puseram aos guerrilheiros confrontados com a vida das cidades e a natureza desta nova batalha, onde a corrupção constituía uma das características principais.

— Como interpretar este período? Suponho que todos nós tivéssemos feito isso — perguntou Samora Machel, referindo-se ao envolvimento de um grande número de comandantes guerrilheiros em manobras de corrupção, que foram preparadas, onde estaria a nossa Independência pela qual fizemos sacrifícios e camaradas nossos morreram, pela qual o povo foi vítima?

— Por isso tivemos que defender a Revolução. Uma revolução que não se defende não é revolução — afirmou o Chefe do Estado.

Samora Machel passou seguida-

mente em revista a 4.ª reunião do Departamento de Defesa, em Julho de 1975, o estabelecimento de vencimentos nas FPLM e a recusa de alguns, apesar de terem começado a ter o seu salário, de pagar as despesas que faziam, culminando com os incidentes de 17 de Dezembro desse ano.

— Quem representam estes? Não é o prolongamento daqueles que nas zonas libertadas nós desmataríamos? Dispararam contra quem? Que queriam fazer da nossa Independência, do nosso Estado? — perguntou Samora.

Seguiu-se a guerra do Zimbabwe. Alguns aqui festejaram. Aliaram-se ao inimigo e disseram: «Vão ver, tiraram-me das FPLM e agora vão ver». Falavam como se a vitória tivesse sido sua e não do Povo. Onde está Smith?...

De 1976 a 1977, reorganiza-se e estrutura-se o Exército. Entretanto, em 1977, há o Congresso e, em 1978, a estruturação do Partido.

Samora Machel explica a necessidade de se criar um exército moderno e poderoso, bem como as dificuldades que se colocam a essa complexa e difícil tarefa.

Em Setembro de 1980, há a introdução de patentes e, em 1981, foi feito o levantamento dos guerrilheiros, dos homens que carregam a História de Libertação de Moçambique, dos homens que construíram a FRELIMO, dos homens que são monumentos vivos.

Foi também decidido atribuir condecorações aos heróis.

— Em Janeiro de 1982, decidimos falar com estes guerrilheiros. — Esta a decisão que está na base da reunião agora a ser realizada na Beira.

A atribuição de patentes e condecorações será assim um dos temas a abordar neste encontro.

O Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique explicou seguidamente que, por razões de idade, doença ou diminuição física, alguns dos antigos combatentes já não estão no efectivo do Exército.

Contudo, outros, embora jovens, também não poderão estar para realizar tarefas na frente principal do combate que hoje se trava, a batalha económica.

Disse que estes combatentes, nos dias 3 de Fevereiro, 25 de Junho e 2.º de Setembro de cada ano, deverão todos eles envergar as suas fardas e condecorações que lhes forem atribuídas para servirem de exemplo às novas gerações.

Samora Machel, a terminar, agradeceu a todos aqueles que souberam fazer dos corpos dos camaradas, que caíram, uma ponte para transportar a liberdade do Rovuma ao Maputo.

O encontro foi interrompido por volta das 13 horas, tendo recommençado às 15 horas. Na parte da tarde o Chefe do Estado dialogou individualmente com alguns combatentes, que lhe colocaram problemas específicos. A reunião prossegue hoje.



Inicia-se ontem na Beira, uma Reunião dos Antigos Combatentes, dirigida pelo Presidente Samora Machel, vendo-se na imagem um aspecto de sessão de abertura.